

## RESUMO

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Bianca Knaak

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

### **Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul: um museu que resiste (existe?)**

O Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (MACRS) comemorará 20 anos em 2012. Criado por decreto em 1992, o MACRS seria um museu completo, de referência internacional. O texto inaugural ditava ser sua função “pesquisar, preservar, divulgar um acervo de arte contemporânea regional, nacional e internacional e desenvolver propostas educativas”. Mas, revisando sua história veremos que nem mesmo no estimulante período de sua criação o MACRS conseguiu atuar plenamente. Em 2011 ele ainda está tentando “sair do papel”.

Artística e administrativamente frágil enquanto instituição legitimadora no tímido circuito artístico regional, desenvolver esse museu vem sendo pauta em sucessivos programas de governo. Sua direção é um posto político cobiçado entre os ativistas locais e, até certo ponto, sistemicamente distintivo (em 19 anos teve 13 diretores). Os motivos de sua precariedade geral (original) – a começar pela ausência de uma sede – repousam em distintas versões, conforme os governos que sucederam, sempre com a promessa eleitoral de inovar e contornar essa situação.

Recém-fundado, no MACRS uma série de ações e programações permitiram o mapeamento da produção artística consolidando nomes regionais e, também, trazendo artistas de destaque na cena contemporânea nacional. Entre estes podemos citar Nuno Ramos, com a instalação “111” exposta pela primeira vez sob a chancela do MACRS. Outras exposições, inclusive internacionais (como Georg Baselitz em 2001), ao longo de anos de teimosa intenção de existência, renovaram o elã de atuação e consolidação desse espaço público para a arte contemporânea. Portanto, mesmo incompleto e improvisadamente, em Porto Alegre o MACRS protagonizou atuações surpreendentes ao longo do vazio institucional que se instalou com a saída de seu primeiro diretor (Gaudêncio Fidelis, também idealizador, fundador do MACRS).

Não obstante, os percalços do MACRS parecem equiparáveis à altura do seu significado para os artistas, para a sociedade, enfim para o sistema das artes visuais e encontra ressonância na história de seus congêneres nacionais. Como pesquisadora e ex-diretora do MACRS (1999 – 2002) é a revisão de sua trajetória estratégica (às vezes contraditória), num cenário de disputas políticas e culturalmente hegemônicas que pretendo apresentar nessa comunicação.